

COLEÇÃO
LITERATURA
e AMBIENTE

BEIRAS

Imagens do Ambiente Natural e Humano
na Literatura de Ficção

ANA CRISTINA CARVALHO e CRISTINA COSTA VIEIRA

EDITORAS



Edições Colibri

BEIRA(S)

Imagens do ambiente natural e humano
na literatura de ficção

LITERATURA E AMBIENTE

Direção: Ana Cristina Carvalho

1. Alentejo(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção
Editoras: Ana Cristina Carvalho e Albertina Raposo
2. Beira(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção
Editoras: Ana Cristina Carvalho e Cristina Costa Vieira

Ana Cristina Carvalho e Cristina Costa Vieira
(Editoras)

BEIRA(S)

Imagens do ambiente natural e humano
na literatura de ficção



Edições Colibri

Título: Beira(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção

Editoras: Ana Cristina CARVALHO e Cristina Costa VIEIRA

Autora(e)s: Henrique ALMEIDA (Inst. Politécnico Viseu), Maria Mota ALMEIDA (Esc. Sup. de Turismo do Estoril), Margarida ALPALHÃO (Univ. Nova Lisboa), Maria de Lurdes BARATA (Inst. Politécnico Castelo Branco), Glória BASTOS (Univ. Aberta), Teresa BRANQUINHO (Biblioteca Branquinho da Fonseca), Ana Cristina CARVALHO (Univ. Nova Lisboa), Guilherme d'OLIVEIRA MARTINS (Fundação C. Gulbenkian), Maria ILHÉU (Univ. Évora), Rui JACINTO (Univ. Coimbra), Jorge Costa LOPES (Univ. Porto), António Apolinário LOURENÇO (Univ. Coimbra), António QUEIRÓS (Univ. Lisboa), Vânia REGO (Inst. Politécnico Macau), Anabela SARDO (Inst. Politécnico Guarda), Ana ALBUQUERQUE Sousa (Esc. Sec. Alves Martins, Viseu), Fernanda M. VICENTE (Univ. Aveiro), Cristina Costa VIEIRA (Univ. Beira Interior).

Editor: Fernando Mão de Ferro

Revisão (*Double-blind peer review*): Albertina Raposo (Dep. Biociências, Inst. Polit. Portalegre), Allison Leão (Univ. Estado do Amazonas), Celeste Simões (Fac. Letras, Univ. Coimbra), Clara Sarmiento (Inst. Politécnico Porto), Graça Poças Santos (C. Interdisciplinar Ciências Sociais, Inst. Politécnico Leiria), Igor d'Angelis (Mare.Nova, Fac. Ciências e Tecnologia, Univ. Nova Lisboa e Esc. Sup. do Agreste Paraibano), Larissa Malty (CicsNova, FCSH Nova Lisboa), Maria do Carmo Mendes (C. Estudos Humanísticos, Univ. Minho), Paulo Rocha Monteiro (Inst. Sup. Agronomia, Univ. Lisboa, e Associação Zero).

Capa: Raquel Gil Ferreira

Fotografia da capa: Nuno Santos

Ilustrações: Alfredo da Conceição, Maria de Lourdes Carvalho, Nuno San-Payo.

Fotografias: Armando Almeida, Jorge Costa Lopes, Manuel A. Pereira, Nuno Santos, Paulo Rocha Monteiro, Ricardo Nicolau, Cristina Costa Vieira, Ana Cristina Carvalho.

ISBN 978-989-566-117-6

Depósito legal n.º 522 547/23

Lisboa, Julho de 2023

Este livro teve apoio do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013, apoiado pela FCT/MCTES através de Fundos Nacionais.

COLEÇÃO “LITERATURA E AMBIENTE”

Um livro é um lugar de encontro. No campo da ciência ou no da divulgação científica, um livro põe ombro a ombro vários/as autore/as e coloca-os frente a frente com o/as leitor/as. Os livros desta coleção propõem-se à academia, mas vivem também da sua aptidão para cativar um público mais amplo, interessado, indagador, curioso.

O objetivo da série “Literatura e Ambiente”, que se inaugurou com *Alentejo(s) – Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção* e tem no presente volume o seu segundo título – é reunir estudioso/as de múltiplas unidades de investigação e ensino, cada um(a) com sua metodologia, sua experiência, sua esfera de interesse científico, em torno deste quesito: Que imagens do ambiente natural e da nossa paisagem humanizada deixaram o/as escritor/as da Literatura Portuguesa lavrados nos seus romances, contos e novelas? Nesta busca reside uma esperança: que estes livros, simultaneamente de teor literário e de apelo à sensibilidade ambiental, guiem a (re)descoberta da nossa literatura pelas gerações de hoje e nelas exerçam um suave poder “de intervenção” ao nível da (in)consciência ecológica, neste tempo em que o saque de recursos naturais parece querer apagar-nos da memória a parábola da galinha dos ovos de ouro.

Queremos delinear um retrato (entre muitos possíveis) de uma certa Geografia Literária profundamente enraizada no território português. Retrato que acompanhe as vozes do/as escritor/as na celebração da terra, do povo e da língua, feito de muitas geografias vivenciais, afetivas e ideológicas vertidas para a escrita ficcional, tal como depois interpretadas por um extenso painel de investigadore/as.

Este ângulo de sentido é inserível na Ecocrítica, terreno interdisciplinar de claro princípio ecológico, aberto ao diálogo entre a linguagem científica e a linguagem artística. Em 1924, já Raul Proença compreendia o benefício de pôr o génio literário ao serviço do conhecimento dos lugares e seu património. Ele e, depois dele, Sant’Anna Dionísio tiraram partido dessa simbiose, ao proporem a redação de trechos específicos do *Guia de Portugal* (1924-1969) a figuras maiores das letras nacionais com vínculo pessoal a locais geográficos: Ferreira de Castro, Aquilino Ribeiro, Vitorino Nemésio, António Sérgio, Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga e outros.

Cruzam-se nesta coleção as Ciências Naturais, as Ciências Sociais e Humanas e a Arte Literária, fruto de uma rede de colaborações que por vezes transpôs as fronteiras de Portugal. Cada livro reúne autore/as que escreveram com total liberdade de método, conteúdo e estilo, dentro do eixo temático em causa – reler a nossa literatura com os olhos postos no seu teor ambiental, ecológico e espacial –, privilegiando quer a ciência mais teórica quer a mais aplicada. Por isso, muitos capítulos rompem os padrões da crítica literária, anunciando as obras estudadas ora como fontes historiográficas úteis à História Ambiental, ora como matéria de interesse comum a disciplinas dos vários níveis de ensino, ora ainda, numa perspetiva de desenvolvimento local e regional e também lúdica, como bases para roteiros de turismo literário.

Em *Por Terras de Portugal e de Espanha* (1911), Unamuno atribuiu à língua portuguesa o dom de “engendra[r] uma poesia campesina profundamente lírica, erótica ou elegíaca, naturalista ou sonhadora” e faz notar que em muitos clássicos da literatura a paisagem é um meio para evidenciar a figura humana. Essa indissociabilidade entre meio biofísico e universo populacional transparece das ficções analisadas na coleção. E esta desenhámo-la sob o signo da Ecologia Humana, valorizando essencialmente o jogo de interdependência, aprimorado no correr dos séculos e milénios, entre os recursos da terra e quem a vive como morada, raiz de trabalho ou simples fonte de deslumbramento.

A primeira dúvida que se nos colocou foi a do critério de representação geográfica de cada volume. Que divisão territorial seguir? As províncias, herdeiras do arranjo medieval, que entre o século XV e 1976 foram ganhando e perdendo estatuto? Os NUT¹ de 2013, que traçam as grandes regiões e suas sub-regiões? Antero de Figueiredo, escritor coimbrão, escreveu em *Jornadas em Portugal* (1918) sobre as “velhas províncias”: “Elas têm as cores do arco-íris: o Minho é verde tenro; o Douro fragoso, violáceo; as Beiras dos olivedos polvilha-as o verde mesto das cinzas peneiradas; a Estremadura ribatejana é um poente alaranjado; o Alentejo é todo amarelo; e o Algarve, todo azul, com chapadas de cal, por entre o verde negro das figueiras.”

As onze províncias tradicionais, de substrato histórico-etnográfico, criadas em 1936 com base nos estudos do geógrafo Amorim Girão, apesar de inspiradas num Portugal predominantemente rural que expirou e esvaziadas de nexos administrativo, resistem até hoje, no íntimo dos portugueses, como fortes referências culturais e identitárias. Por esse motivo, por serem um nítido reflexo da diversidade biofísica e humana do país e ainda porque as obras literárias estudadas têm, na sua maioria, cenário rural e tempos de ação fundeados nos séculos XIX e XX, optámos por organizar a coleção “Literatura e Ambiente” segundo essa partição territorial.

Da literatura mais interventiva à mais contemplativa, o/as nossos/as es-
critore/as testemunharam o tempo e o território, a tradição, as mentalida-
des, a oralidade, heroísmos individuais e insanidades sociais, os rostos do
povoamento, ruturas ambientais, usos e desusos do solo e das águas, delei-
tes e desvarios do clima. Rios, serras e finisterras, estradas novas e cami-
nhos de pé-posto, as maiores cidades, incógnitos povoados, ilhas, ilhéus,
bosques e campinas, lugares sagrados, campos arados – são feições desse
Portugal de “luz e sombra”² que chegam aos nossos dias projetados nas
laudas de romances, contos e novelas da Literatura Portuguesa.

A Diretora da coleção,
Ana Cristina Carvalho

O Editor,
Fernando Mão de Ferro



Âmbito geográfico dos volumes da
Coleção “Literatura e Ambiente”
relativos a Portugal continental

1. NUT (Nomenclatura de Unidades Territoriais): unidades espaciais usadas pelo Eurostat para possibilitar a comparação de dados estatísticos regionais dos países da União Europeia. Assentam numa lógica de políticas públicas de desenvolvimento e criam, como diz João Ferrão em “Portugal, três geografias em recombinação” (2002, *Lusotopie 2*: 151-158), “identidades de base territorial típicas do Portugal moderno” urbano-industrial.
2. *Portugal – Luz e Sombra*, título de um livro de Duarte Belo (2012).



Fotografia: Cervunal, serra da Estrela (Nuno Santos)

AGRADECIMENTOS

As editoras agradecem a todos os participantes a resistência e perseverança, em especial aos autores, no seu esforço pelo cumprimento dos prazos e posterior paciência com o atraso na publicação.

Agradecemos também aos nossos patrocinadores, destacados através dos seus logótipos.

E ainda a boa-vontade e a colaboração de:

- Casa-Museu Regional de Oliveira de Azeméis.
- Grande Hotel de Luso, na pessoa do seu Presidente do Conselho de Administração, Eng.º João Diniz, por ter autorizado a publicação da foto do painel de Nuno San-Payo.
- José Manuel Mendes, organizador do volume *O Arco da Memória. Evocação de Fernando Namora (1919-1986)* (2020), por ter autorizado a publicação adaptada do artigo “As Pátrias Namoreanas Revisitadas”, de Rio Jacinto
- Ana Luísa Luz, pelo apoio na tradução de alguns resumos.

*Há mister grandes presentes
Das villas, casaes e aldeã.
Mandarà a villa de Cea
Quinhentos queijos recentes,
Todos feitos á candeia,
E mais trezentas bezerras,
E mil ovelhas meirinhas,
E duzentas cordeirinhas,
Taes, que em nenh~uas serras
Nã nas achem tão gordinhas,
E Gouvea mandarà
Dous mil sacos de castanha,
Tão grossa, tão san tamanha,
Que se maravilharà
Onde tal cousa s'apanha.
E Manteigas lhe darà
Leite para quatorze anos,
E Covilhan muitos pannos
Finos que se fazem lá.
Mandarão desses casaes
Que estão no cume da serra,
Penna pera cabeçaes,
Toda de agueas reaes
Naturaes mesmo da terra.*

Gil Vicente
Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela (1527)

O caminho de ferro da Beira Alta passa no sopé da montanha, a oito ou dez minutos de distância do entroncamento da Pampilhosa. Quem vae veranear do sul para o norte, raro deixa de visitar a formosa matta, que se anuncia desde pouco adiante de Soure, n'um convite de luxuriante verdura; quem desce da Beira Alta, considera a visita como romaria obrigatória. [...]. O Bussaco é uma excelente estação preparatória, para ali se passarem os ardores calmosos de julho e agosto.

Emydio Navarro
Quatro Dias na Serra da Estrela: Notas de um Passeio (1884)

ÍNDICE

Apresentação da Coleção	
Ana Cristina CARVALHO e Fernando MÃO DE FERRO	5
Agradecimentos	11
Epígrafes	13
Trechos ilustrativos:	
<i>As Beiras (num relâmpago)</i> (1916), Teixeira de Pascoaes e	17
<i>Finisterra – Paisagem e Povoamento</i> (1978), Carlos de Oliveira	21
Introdução	
Ana Cristina CARVALHO e Cristina Costa VIEIRA	23
Extratexto. Amava sobretudo a Liberdade...	
Guilherme d'OLIVEIRA MARTINS	35
Capítulo 1. Vergílio Ferreira – A criação da aldeia-mito e o diálogo com a montanha	
Jorge Costa LOPES	45
Capítulo 2. As paisagens culturais das Beiras. Entre a Literatura e a Filosofia Ambiental	
António Santos QUEIRÓS	63
Capítulo 3. Os lugares e as gentes na ficção narrativa dinisiana – <i>Serões da Província</i> e <i>Os Fidalgos da Casa Mourisca</i>	
Fernanda Monteiro VICENTE.....	83
Capítulo 4. Geografia sentimental: terra e gente na obra ficcional de Aquilino Ribeiro	
Henrique ALMEIDA	101
Capítulo 5. Invernos opressivos e Verões insalubres: O Clima da serra da Estrela no romance <i>A Lã e a Neve</i> (1947)	
Ana Cristina CARVALHO	121

Resumo

Os lugares e as gentes na ficção narrativa dinisiana – *Serões da Província e Os Fidalgos da Casa Mourisca*

Após algum tempo votada ao esquecimento, a narrativa de Júlio Dinis voltou a constituir objeto de reflexão entre os investigadores, nas últimas duas décadas. Este artigo pretende contribuir para a investigação desenvolvida em torno deste autor e da sua obra narrativa, no sentido de discutir a importância que as experiências de Joaquim Coelho vividas nas Beiras, quando ali se recolheu por motivos de saúde, possam ter tido na recriação ficcional dos locais e das gentes, nos contos, novelas e romances do escritor portuense.

A narrativa ficcional configura paisagens físicas e humanas ficcionadas, determinadas pela capacidade de observação e análise minuciosas. Os hábitos, costumes, tradições e linguajar próprios dos locais e das gentes beirãs revelaram-se uma fonte de inspiração inquestionável que o autor sintetizou na perfeição num momento de transição do Portugal Velho para o moderno e do Romantismo para o Realismo.

Palavras-chave: Paisagem física e humana. Beira Litoral. Conto. Novela. Romance português.

Abstract

Places and people in Júlio Dinis fictional narratives – *Serões da Província and Os Fidalgos da Casa Mourisca*

After some time doomed to oblivion, in the last two decades the narrative of Júlio Dinis has once again become an object of reflection among researchers. This article intends to contribute to the research developed around this author and his narrative work, and to discuss the importance of the experiences lived in Beiras by Joaquim Coelho, while remaining there for health reasons, may have had in the fictional recreation of places and people, stories, and novels of the Porto writer.

His fictional narrative sets up fictional physical and human landscapes, determined by the detailed observation and analysis capacity. The typical routines, customs, traditions, and language of the Beira locals proved to be an unquestionable source of inspiration that the author perfectly summed up in a transition time from the Old to the modern Portugal and from Romanticism to Realism.

Keywords: Physical and human Landscape. Beira. Shortstory. Portuguese novel.

OS LUGARES E AS GENTES NA FICÇÃO NARRATIVA DINISIANA – *SERÕES DA PROVÍNCIA E OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA*

Fernanda Monteiro VICENTE

Instituto Politécnico de Bragança
Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros
fernanda.vicente@ipb.pt

1. Introdução

A parca produção literária de Júlio Dinis mereceu, durante algum tempo, a categorização de obra canónica, a que os estudantes do Ensino Secundário dedicavam parte do seu tempo. Com a alteração dos programas do Português e da Literatura Portuguesa, foi sendo inundada pelas *águas do Letes*. Contrariando estes ventos e marés, nas duas últimas décadas resurgiu o interesse da crítica literária pela obra dinisiana, defluindo dela diversos estudos¹, reconhecendo-lhe um papel primordial na história, na cultura e na literatura portuguesas.

A breve vida do escritor portuense e o seu exíguo resultado literário não desmerecem a sua prosa nem a sua vasta cultura, que recupera os clássicos, como assevera Liberto Cruz (2002), sem esquecer as relações literárias com as literaturas italiana, francesa, inglesa e alemã (Vicente, 2011; Grieben, 2018).

A produção narrativa de Joaquim Gomes Coelho, nome de batismo do escritor portuense, mostra uma especial predileção pelas paisagens físicas e humanas. A sua sensibilidade apurada para esta dimensão foi registada por Luís Forjaz Trigueiros (1993:2), que assevera tratar-se de “um escritor [tão] predominantemente voltado para o colorido dos costumes e das paisagens”. Já antes, Benalcanfor (1874: 189) havia sublinhado os dotes de Júlio Dinis como “fotógrafo” capaz de reproduzir “vistas, lugares, feições das pessoas”.

A releitura da correspondência familiar de Júlio Dinis, datada de 1863 e 1866, à sobrinha *Anitas* e à madrinha Rita Cássio, compilada no volume

BEIRA(S) – Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção, Lisboa, Edições Colibri, 2023, pp. 83-100.

Cartas e Esboços Literários (1967), reaviva na memória do/a leitor/a os períodos que o escritor portuense passou em terras beirãs. Nessa compilação de escritos de teor diverso, deparamo-nos com diversas cartas enviadas a partir de Ovar e de Aveiro. Numa das missivas, datada de 1863, dirigida a Passos Manuel e redigida a partir de Ovar, constata-se o interesse pelos lugares e pelas pessoas que os habitam: “assiste-se às lavoiras, às ceifas, às regas; conversa-se com os jornaleiros sobre as novidades agrícolas, escuta-se o estalar das cascas nas fogueiras..., etc... etc...” (Dinis, 1967:97).

Estão também coligidas, neste volume, duas cartas literárias, «Acerca de várias coisas» e «Impressões do campo», publicadas de 28 de maio de 1964 a 1 de janeiro de 1865, que mereceram especial atenção de F. Grieben, ao estudar o papel que Ovar assume no percurso literário de Júlio Dinis. A investigadora (2018) assume a relevância daquele espaço beirão sobretudo nas três crônicas da aldeia, em que inscreve *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Estas cartas foram assinadas por Diana de Avelada, pseudónimo literário adotado por Joaquim Guilherme Gomes Coelho nas suas primeiras publicações.

Um fotógrafo escalpeliza pela observação as paisagens geográficas e humanas com que se cruza e, neste sentido, Júlio Dinis desempenha este papel de forma exímia. Grieben (2018:5) sintetiza a influência da paisagem e das gentes beirãs nestas palavras “são a paisagem campesina e a vida dos camponeses, com os seus costumes e tradições [...] o que move o médico-poeta a escrever”.

Estes depoimentos servirão de mote ao presente artigo e permitir-nos-ão revisitare as narrativas breves de Júlio Dinis, reunidas em *Serões da Província*, que consubstanciam um retrato fiel do povo, dos seus costumes, das suas tradições, da fantasia popular. Por outro lado, faremos também uma incursão indagadora pelo romance campesino, assim classificado por Egas Moniz (1942), intitulado *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1871), para refletirmos sobre a recriação ficcional das paisagens beirãs captadas por Júlio Dinis e o modo como a paisagem rural e humana se transformam, traduzindo alterações sociais, políticas e económicas.

2. Paisagens na narrativa breve de Júlio Dinis – um retrato do campo e das suas gentes

A atração pelos ambientes exteriores é incontornável na obra ficcional dinisiana. Nesse meio geográfico, social e político movem-se as suas personagens, os habitantes desses espaços, cuja humanidade sobressai, tanto nas pequenas narrativas como nos romances.

Em *Serões da Província*, obra publicada em dois volumes, o primeiro vindo a lume em 1971 e o segundo em 1980, compilou o editor as narrativas curtas de Júlio Dinis que agora revisitaremos: três contos – «Espólio do Senhor Cipriano», «Uma Flor de entre o Gelo» e «As Apreensões de uma Mãe» – e duas novelas – “«Os Novelos da Tia Filomela» e «Justiça de sua Majestade». Num estilo leve e sóbrio, original na literatura de então, descreve Júlio Dinis de forma singular, quadros domésticos e rurais do Portugal da sua época. Nestas pequenas narrativas somos convidados a partilhar situações do quotidiano popular, envolvidas numa linguagem de penhor oralizante e simples. Assim, recorda ao leitor a importância da literatura de tradição oral, nomeadamente através da alusão a lendas e às reuniões ao serão para se ouvir contar histórias.

Os locais de culto religioso são também uma constante nas paisagens dinisianas, com as suas igrejas, capelas e ermidas tão características, a que se associam as romarias. Elas integram, em definitivo, a paisagem física humana das narrativas breves dinisianas, evocando a sua presença na correspondência do autor, a partir de Ovar.

Numa carta dirigida por Diana de Aveleda (pseudónimo) a um redator de *Jornal do Porto*, deparamo-nos com o fruto das observações do escritor naquela vila costeira. Diana de Aveleda é aconselhada pelos médicos a retirar-se para o campo. Os poderes salvíficos são reconhecidos pelos facultativos “a pretexto de combater as tendências de uma diátese hereditária” (Dinis, 1967:177). As transformações decorrentes do contacto com as benfeitorias do espaço campestre resume-as assim: “tudo isto operou em mim uma metamorfose completa. Hábitos, gostos, pensamentos, tudo senti eu que se ia pouco a pouco modificando...” (p. 178).

Nas cartas que dirige à amiga Cecília, «Impressões do Campo», Diana de Aveleda aconselha-a a passar um tempo no campo. A alegria dos ambientes campestres tradu-la deste modo: “Nesta parte do rio e àquela hora da manhã era certo encontrarem-se, a lavar e a cantar, as mais bonitas raparigas do sítio e tão desafogada e jovialmente o faziam que comunicavam alegria aos mais hipocondríacos” (p. 190).

É ainda na segunda epístola endereçada à amiga Cecília, oriunda de um espaço citadino, que defende a existência da música popular que “sai dos campos, que nos enche os ouvidos, que anima o trabalho das ceifas, das esfolhadas, das malhas... Música rudimentar – dizem-me” (Dinis, 1967: 216). Prossegue, assumindo o seu carácter genuíno: “Fazei música para cantigas inspirando-vos do gosto popular, subireis depois às composições líricas li-

geiras ...” (p. 217). Ainda nesta carta, Diana de Aveleda desconstrói a imagem idílica que a amiga pudesse ter do campo, uma vez que nele “Cantam no monte os guardadores de gado, nos ribeiros as lavadeiras, os lavradores nos campos e o moleiro ao ruído das levadas despedaçando-as nas rodas das azenhas” (p. 224). É este o ambiente que se vive no espaço campesino, desprovido do idealismo que os que o desconhecem lhe atribuem.

A leitura das cartas apresentadas é, pois, o ponto de partida para compreender de que modo as paisagens geográficas e humanas que Joaquim Gomes Coelho foi recolhendo, através de uma arguta observação do real, serviram os seus propósitos ficcionais no seu universo literário.

Iniciemos este périplo por «Apreensões de uma mãe», em que o espaço da quinta de Entre Arroios emerge, qual retiro idílico virgiliano, como um espaço revigorante para o narrador, mas também para a personagem principal que, durante seis anos, tempo dedicado ao estudo da Medicina em Paris, se viu dele privado. A ação do conto decorre a meio caminho entre Porto e Braga, na década de cinquenta do século XIX, no início de uma noite de julho. A paisagem que observamos, através do olhar do narrador homodieético, institui-se como um espaço que permite ao protagonista evadir-se da casa materna. Do quarto, através da janela, acede a um panorama que, por momentos, eleva o narrador na contemplação de um ambiente encantatório e quase onírico. Ele contempla a paisagem, criando um espaço fora do espaço que o enleva: “pensar não sei em quê, se é que pensar se chama àquilo”(Dinis, 1971:12). Assim se traduz a função desta paisagem que conduz o narrador a um universo paralelo de que desperta por ação de um ruído. Trata-se de Tomás, o protagonista, que se furta do quarto pela varanda para se encontrar com Paulina, às escondidas. Esta paisagem, vista à luz do dia seguinte, reveste-se de outros matizes, em que a amenidade rural desempenha um papel fundamental para revigorar as energias do convidado da senhora de Arroios. Espaço que conduz, de novo, a uma evasão do narrador, desta feita num período da infância perdida, marcada pela imaginação e pela felicidade irrecuperável, “num quase sonho, delicioso e grato como um murmúrio”(p. 18). Deste modo, o narrador corta as amarras com o presente, para viver neste espaço da rememoração, esquecendo “tristezas e alegrias presentes”. A saudade é o sentimento que se apodera dele e o faz imergir num espaço paralelo, existente apenas na imaginação, sem referente real, porquanto os seus contornos são indefinidos e vagos, em consequência do filtro que lhes confere a existência que não possuem. O termo desta evasão é também determinado por um ruído de passos, desta feita de Paulina, a razão de ser da paixão de Tomás.

O protagonista da ação, na tentativa de explicar a sua evasão de casa, confessa ao narrador um amor extremo pela paisagem natural noturna. Descreve esta paisagem com contornos românticos que traduzem a emotividade que dele se apoderou. Associa-a à poética imaginação do povo e reveste-a de um poder encantatório, próprio dos ambientes aldeãos, nomeadamente, de um espaço a que a tradição oral se associa, pela presença quer do canto, quer dos contos de fadas.

A natureza reveste-se, assim, de uma função particular, anunciando os sentimentos das personagens, como acontece quando o narrador acompanha Tomás, no dia em que parte para ir estudar fora do país. O sofrimento do protagonista é simbolicamente representado pelo caminho estreito e pelas silvas que dificultam o percurso das personagens. No largo a que chegam, encontra-se um cruzeiro de pedra, assombrado por frondosos carvalhos. As dificuldades que se fazem antever para Tomás estão representadas naqueles símbolos de solidão, de austeridade e de saudade, que agora parecem ensombrar o seu futuro próximo.

O regresso a este espaço edénico de felicidade traduz-se nas seguintes palavras de Tomás: “Parece-me que deixei aqui a minha vida, e que a adiquiro de novo ao respirar estes ares conhecidos, estes perfumes férteis em memórias de outros tempos” (Dinis, 1971:72). Nesta novela manifesta-se o gosto do escritor pela canção recriada que, em Ovar, o tenha quiçá inspirado. Tomás, já sob a ameaça de uma vida entediante no campo, ouve os versos de uma canção “Mais vida! meu Deus, mais vida!/ Que a chama inda arde violenta!/ E a alma, de viver sedenta,/ Outros sonhos concebeu” (p. 87).

Em algumas narrativas breves dinisianas, o ambiente popular ganha contornos românticos inegáveis. A disseminação e o poder que as crenças e superstições exercem sobre o povo são notórios, sobretudo no conto «O Espólio do Sr. Cipriano» e em «Os novelos da tia Filomela». O primeiro conto parece validar a essência da sabedoria popular, mostrando que às crenças subjaz um fundo de verdade. O boato que se espalhou pela aldeia relativamente ao Sr. Cipriano correspondia à verdade. A sua extrema avareza comprova-se, tendo-lhe sacrificado inclusive a saúde da irmã. Já na novela «Os novelos da tia Filomela» se expõe a crueldade do povo que se deixa cegar pelas infundadas crenças e pelas superstições que ensombram os seus corações. A pobre “bruxa do pinhal”, condenada pelo povo ao abandono, ao desprezo, à solidão, à injúria, era afinal uma “santa”. Pela injustificada ignorância do povo, que desencadeia os mais infundados temores e horrores, se deixa esta pobre mulher morrer quase sozinha, na miséria. Explora-se, ao longo do texto, a importância que as cantilenas, os

agouros, os esconjuros e as mezinhas detêm, dando assim conta dos costumes dos espaços rurais, em que a ostracização e a intolerância parecem grassar.

Pelo exposto, se no primeiro conto se “resgata uma cultura primitiva, em prol de uma unidade nacional”, no segundo “é necessário o afastamento do primitivismo em proveito do progresso positivista”, como defendem Santos & Spigolon (2021:6).

Detenhamo-nos agora sobre os espaços geográficos apresentados nesta última narrativa. A paisagem assume diversas funções. O espaço geográfico é campestre, destacando-se nele as “várzeas” e as “campinas”. Trata-se de um local em que o vigor da natureza e a variedade dos elementos que a compõem produzem efeitos aprazíveis no narrador. É curioso notar que a natureza descrita corresponde a uma criação artística, confessando o narrador homodiegético a incapacidade da arte para a mimetizar (“por um segredo de colorido que a arte mal pôde ainda imitar”). A imaginação e fantasia aguçadas por este espaço alimentam o sentimentalismo do narrador, a que se associa uma certa melancolia. Nesta descrição, anuncia-se a dimensão misteriosa: “uma ou outra habitação isolada, como para ocultar o mistério de alguma existência obscura” (Dinis, 1971:130) da personagem principal, a “bruxa do pinhal”, Filomela. A par desta, surge uma nota de pitoresco próprio daquela região do país. De algum modo, entretece-se o idílio campesino de Virgílio com as pinceladas românticas num quadro pictórico peculiar. Contrastando com este idílio, observa-se, do lado oposto (“o lado do oriente”, p. 132), uma natureza selvagem e primitiva que impressiona o narrador. A aridez e esterilidade das paisagens alpestres sobressai, a par das sombras que vão ocupando a colina, conjugadas com os gemidos e os gritos das aves. É neste espaço que se destaca a pobre habitação de Filomela. De algum modo, o isolamento desta mulher é anunciado por este espaço selvagem, em que ela optou por viver para se evadir da sociedade (“da cidade”) corruptora.

A imaginação e fantasia do narrador, transmitidas pela sua subjetividade, distinguem um artista dos comuns mortais, pela observação minuciosa a que submete o mundo exterior, por forma a criar uma obra perfeita a partir da seleção de elementos do real, convertendo-os num universo criado pela sua capacidade artística. Decidido a empreender uma visita à tia Filomela, o narrador escolhe o período da noite, mais propício à sua fantasia e ao pendor romântico de que ela se reveste. A noite pinta-se de traços românticos, um verdadeiro *locus horrendus* a que não faltam ingredientes

peculiares. Parece este percurso constituir uma provação simbólica para que o narrador aceda ao “antro da Sibila” (p. 148). A imaginação, de novo a funcionar, promete-lhe um encontro com a velha Filomela, cujas humanidade e generosidade frustrarão as expectativas românticas deste artista.

Filomela é, na sua essência, uma personagem de recorte popular, consubstanciado exemplarmente na crença religiosa arreigada, nas mezinhas caseiras a que recorre e nos ditos populares que profere frequentemente. Paralelamente, a hospitalidade generosa que oferece ao narrador, apesar dos seus poucos recursos, revela bem o seu caráter humanista. Assim começa a desmistificar-se a “bruxa do pinhal” (p. 155). A superstição popular votou esta mulher ao abandono e à solidão, tornando-a um alvo de discriminação. Curiosamente o espaço em que se move, agreste e perigoso para outros, não a amedronta, mas antes lhe garante o refúgio e a segurança que não descobre entre os habitantes da aldeia, mas que também não vislumbrara antes na cidade.

Refere a este propósito Porto (2010): “Se a ignorância é a mãe da superstição, logo desculpável no povo, mais difícil é aceitar essas crenças vindas de padre que deveria ser espírito de luz e de concórdia entre as suas ovelhas e não a origem de ódios e perseguições”(p. 95). A conversa entre Luisinha e uma mulher do povo surge pejada de expressões populares em que a crença religiosa se intromete, de que são exemplo “Não, o antigo, que Deus haja” (p. 134), “Assim deus me perdoe como ele me parece bruxo.” (*ibidem*) “Amen. Mas então para que conversa ele coma tia Filomela, sabendo de que casta ela é? Como lá diz o outro: ‘Quem não quer ser lobo...’” (p. 135). As credices populares, os exorcismos, as cantilenas e esconjuros ocupam também uma parte considerável desta conversa, traduzindo assim a visão deturpada do povo sobre Filomela.

A ação de «Uma flor entre o gelo» decorre no final da tarde ou no início da noite. O outono é a estação do ano que enquadra o desenrolar da ação. Curiosamente, esta estação congrega sinais de vigor com outros que denunciam um período melancólico que se faz adivinhar. Note-se a forma como esta natureza parece anunciar o estado de alma do doutor Jacob, cujo amor serôdio lhe revigora as energias há muito adormecidas. A noite é o momento escolhido para o dramático evento que destruirá as fantasias da jovem Valentina e as ilusões do velho médico. O devaneio apodera-se dele, ao ser sujeito ao motejo da rapariga, e a loucura levá-lo-á a uma busca incessante da juventude que lhe permitiria aspirar ao amor correspondido. Também neste conto se traça um retrato do povo que vive para as suas romarias, para quem as lendas de milagres são muito importantes, tal como as histórias contadas ao serão, que permitem entreter jovens e idosos.

No conto «O canto da sereia», a dimensão fantástica atinge proporções significativas. A ação envolve uma comunidade de pescadores do Furdouro, localidade costeira do distrito de Aveiro. Descrevem-se os hábitos desta população cuja atividade se desenvolve em torno do mar. De novo surgem as histórias que oralmente se transmitem de geração em geração. Desta vez é o tio Cabaça, velho pescador, honrado e respeitado pela população, o narrador. A história divide o auditório, uns acreditam, outros mantêm-se céticos – o assunto são sereias. A capacidade de sedução e o perigo que elas representam são aspetos que o narrador não se esquece de frisar. A criação desta imagem sedutora é uma herança familiar, dado que ele ouvira já esta história fabulosa ao seu pai: “Eu só queria que vocês ouvissem o meu pai, que Deus haja, contar o caso” (Dinis, 1971: 21). Note-se a linguagem de sabor popular na expressão “que Deus haja”, que bem descreve o ambiente piscatório e a sua religiosidade e crenças enraizadas. À medida que o tempo passa, percebe-se a atração e o arrebatamento sentimental que se apodera do jovem pescador, Pedro, que, apesar de advertido pelo tio Cabaça, não resiste aos intensos encantos do canto e da sereia, que mais não é do que uma cantora italiana atraída pelo mar e pela violência das suas ondas. Curiosamente o pescador e a cantora partilham a capacidade de compreenderem a linguagem do mar. A música da cantora, cuja melodia ele reconhece nos Palheiros de Espinho, exerce sobre ele um fascínio tal que o conduz ao êxtase. O turbilhão e a gradação de sentimentos fazem-no atravessar diversos estados emotivos, desde o choro, o desespero, a tristeza até ao raiar da loucura. O jovem pescador passa a noite na praia, na expectativa de contemplar a cantora. As consequências deste devaneio fazem-se sentir na manhã seguinte, já que Pedro é multado no Furdouro por não ter ido para o mar. Nessa mesma noite, dirige-se para os Palheiros de Maceda e Cortegaça, na expectativa de voltar a ouvir a música. Novamente, se deixa inebriar pela harmonia sedutora da melodia. Defronte da Barrinha, próximo da estação de Esmoriz, procura a mulher que se apoderara da sua imaginação e fantasia. Os efeitos são devastadores, equiparando-se aos das sereias da Antiguidade Clássica. Pedro mostra-se abatido de dia para dia e o tio Cabaça nota os malefícios que a sereia lhe provoca, pois, também ele, tivera de se proteger, qual Ulisses, para resistir aos encantos de uma sereia. A sua crença e o seu preconceito intensificam-se, quando ouve o canto e se socorre da Senhora da Aparecida para “esconjurar o mal”. Imagina-se enfeitado e as suas crenças sobre a sereia vão-se disseminando entre o povo, o qual acredita que Pedro “tem cara de quem lidou com bruxas”. A calma da natureza contrasta com a agitação intensa do jovem pescador,

antecipando uma ameaça do perigo, misteriosas percepções que não se explicam, mas que o dominam. De algum modo, Pedro interpreta esta voz profética e sente-se triste e amedrontado. A mudança do tempo constitui um agouro que faz adivinhar a morte do homem seduzido, incapaz de subsistir sem ouvir ou ver a “sereia” que assim o encantou e dele se apoderou.

O poder das crenças do povo perpassa também este conto, bem como o fascínio que elas exercem sobre todas as gerações. O poder sedutor e o perigo da sereia atravessam três gerações, causando a morte dramática de Pedro, que não lhe soube resistir, apesar dos avisos do tio Cabaça, já alertado pelo seu pai, homem experiente.

Em síntese, este conto decorre num espaço, regra geral, partícipe dos estados anímicos das personagens, ora comungando deles ora contrapondo-se-lhes. De algum modo, o ambiente hostil vai, progressivamente, isolando a personagem e empurrando-a para uma morte trágica, sem possibilidade de escapatória. Assim sendo, esta natureza parece ser reverenciada tanto pela cantora como pelo jovem pescador, estabelecendo-se uma interação com as personagens e os seus estados de espírito, imbuindo o espaço de um certo misticismo.

Pelo exposto, corroboramos a opinião de Lopes (2008), que inclui o escritor portuense entre os autores portugueses que traçam nas suas obras um retrato

em que a terra ou o mar e as suas gentes, com a sua religiosidade, superstições, alimentação, profissões ou ocupações, modos de vida, sentimentos, vestuário, folclore e as suas características linguísticas são a matéria original que os escritores transfiguram, de forma mais ou menos profunda, conforme a sua capacidade de captação e de transformação paradigmática do real (p. 161).

Esta investigadora foca este conto, sublinhando o facto de se tratar de uma interessante recolha etnográfica, que permite destrinçar uma enfeitada de uma bruxa. Não faltam algumas indicações para fazer bruxedos de acordo com os objetivos pretendidos. Conclui com a síntese “Júlio Dinis recolheu crenças populares, mostrando vários aspetos da mentalidade e dos sentimentos do povo de então, muito dependentes de uma religiosidade intensa, à mistura com conceitos pagãos, que nunca deixaram de conviver com as atitudes religiosas mais ortodoxas” (p. 164).

3. A recriação de paisagens geográficas e humanas em *Os Fidalgos da Casa Mourisca*

F. Grieben (2018) destaca a importância que Ovar, enquanto fonte de inspiração e espaço de recolha de ingredientes ficcionáveis, assume na construção da obra narrativa dinisiana, mas sobretudo nas crónicas da aldeia, entre as quais inclui *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. É nesta obra que nos deteremos agora, para compreender melhor que aspetos do quotidiano das Beiras serviram de inspiração ao escritor do Porto.

Para defender a ideia de que Ovar integra o percurso literário de Júlio Dinis, Grieben evoca as «Cartas Literárias» publicadas no *Jornal do Porto*, na altura sob o pseudónimo Diana de Aveleda, que terão legitimado a opinião defendida pelo escritor sobre o papel da mulher na época. São as cartas intituladas «Acerca de várias coisas» e «Impressões do campo» que, segundo Grieben (2018:16), fundamentam a sua tese, pois “descreve[m] alguns desses magníficos espetáculos, em que a natureza e o ser humano formam um todo harmonioso”. A correspondência de Júlio Dinis prova que passou algumas temporadas em Ovar (três, pelo menos, em 1861, 1864 e 1867) e que escreveu também algumas missivas a partir da cidade de Aveiro. Estas referências permitem-nos afirmar que as Beiras foram para o escritor um território que bem conheceu, até pelo facto de ali ter vivido algum tempo, e que terão influenciado os locais e os contornos das gentes que ficcionou. E a passagem pela Beira Litoral poderá não apenas, como alvitra F. Grieben, inspirar as pequenas narrativas, nas quais se incluem as mencionadas cartas, mas igualmente os romances que se aproximam de «Crónicas de Aldeia».

Neste sentido, é fundamental analisar *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, para verificar que influências das Beiras podemos detetar nesta obra, na medida em que inspiraram a criação ficcional de mundos possíveis. Assoma no romance, como nas pequenas narrativas, a tradição oral, com a menção a histórias, a lendas de mouros, a contos, a xácaras, a jogos e danças, como se constata no início (Dinis, 1999):

Nos contos narrados em volta da lareira, onde nas longas noites de serão se reúne a família rústica, ou às rápidas horas de uma noite de estio, na soleira da porta, ao auditório atento que segue com os olhos a lua em silenciosa carreira por um céu sem estrelas, avulta uma criação extremamente simpática, a das mouras encantadas, princesas formosíssimas que ficaram desses remotos tempos na península, em paços invisíveis, à espera de quem lhes venha quebrar o cativoiro, soltando a palavra mágica.

Fala-se em diversos pontos das nossas províncias, com a seriedade que é própria a uma arreigada crença, de tesouros enterrados, que os mouros por aí deixaram, na esperança de voltarem um dia a resgatá-los [...] (pp. 5-6).

É Maurício quem relembra ao leitor, em tom profético, a importância dessa lenda: “[...] lembra-te que se diz que nas nossas propriedades há um tesouro escondido desde os tempos dos mouros, que um dia alguém da nossa família o achará, ficando fabulosamente rico” (Dinis, 1999:23). Assim se associa o palacete da Casa Mourisca ao período mourisco: “[...] e, se não se guarda aí memória da sua fundação, a crónica lhe assinará infalivelmente como data a lendária e misteriosa época dos mouros.” (p. 6)

Ao hortelão cabe o papel de contador de histórias, detentor de uma influência considerável sobre os filhos de D. Luís, contribuindo para que os dois irmãos consagrem ao tio um valor lendário, atribuindo-lhe um papel heroico na defesa dos ideais liberais.

As crianças sentiam-se instintivamente atraídas para a companhia do velho, em cujas narrações pinturescas e vivamente coloridas achavam um encanto irresistível. Feria-lhes fundo a curiosidade a maneira por que ele falava dos trabalhos da emigração, dos episódios do cerco do Porto, da fonte, da peste e da guerra, [...] e finalmente do Imperador, por quem o mutilado veterano professava um entusiasmo quase supersticioso, e a cujo vulto a sua narrativa imaginosa dava um aspeto épico e sobrenatural (Dinis, 1999: 10).

A descrição de quadros realistas, que emergem numa qualquer aldeia ficcional de Júlio Dinis, pode bem ter tido a sua origem nas impressões captadas no campo, em Ovar. A vida intensa das granjas, do trabalho rural, que enobrece a família de Tomé, o zelo dos agricultores, são nuances registadas², decerto, nesses períodos em que se retirava para aquele espaço à procura de saúde. O ambiente de azáfama é descrito por Júlio Dinis, neste romance, em diversos outros momentos³ em que a linguagem popular é transposta para os diálogos das personagens que se movem no espaço rural.

Concomitantemente, nesta obra, encontram-se referências a um mundo fantástico, povoado de feiticeiras, de fadas, de seres que influem facilmente quem exercita a fantasia e a imaginação, como o povo. A linguagem de sabor popular está também bem patente, como se depreende das palavras de Ana do Vedor ao dirigir-se ao filho: “Isso é que era ouro sobre azul” (Dinis, 1999:273). Ela é certamente uma recriação de uma das mulheres que Júlio Dinis conheceu em terras da Beira. O seu discurso traduz bem as suas origens populares. Os adágios entrecortam o seu discurso “Credo!

Parece-me um sino a tocar a defunto”, ou “Pois digo-lhe eu que é verdade, como dois e dois serem quatro”, “O que aí vai! O que aí vai!” (p. 354). Do mesmo modo, as interjeições assomam nela a todo o momento: “Olhem a grande admiração!” (p. 353), “Deus nosso senhor nos acuda!”, “Olha agora!”. Também as expressões populares o vão pontuando: “Eu não sei que diacho de coração é o dele”, “Ora essa é que está muito boa!” (p. 356). As invocações religiosas são igualmente uma constante nos seus diálogos: “Ó Virgem Mãe dos homens!”. E as explicações de sabor popular não faltam nas palavras desta mulher: “que maus olhados te deitaram, meu filho, que parece que me saíste agora do cemitério?” (p. 347). Seria fácil elencar aqui mais um vasto conjunto de passagens que bem traduzem os costumes do povo, a sua mentalidade, bem como sua solidariedade e zelo pelos seus amigos de sempre, mas não é este o nosso propósito e cremos ter já demonstrado o nosso ponto de vista.

No regresso a casa, Berta revigora o corpo e o espírito, conturbado pelo tempo que havia vivido com a tia na cidade. Assim, recupera a paz e a tranquilidade, paralelamente ao que acontecera com Júlio Dinis em terras beirãs. O culto religioso surge na obra como uma marca inquestionável da paisagem humana. Desta feita o local de culto identifica-se com Santa Luzia. De novo nos cruzamos com uma igreja paroquial e com uma capelinha na colina. Este espaço recebe Berta e a baronesa num encontro quase fraternal, ainda que as duas não tivessem sido formalmente apresentadas:

Desviando-se da estrada para seguir por um atalho que ladeava a coina, avistou uma pequena capela rústica, com a sua galilé e o seu pequeno bosque de sobreiros a rodeá-la, e tão pitorescamente situada em uma das eminências próximas, que não pôde resistir ao desejo de subir até ali.

A capelinha, erigida sob a invocação de Santa Luzia, um dos nomes de mais devoção entre os do florilégio cristão, poisava sobre a colina em uma dessas situações que o povo, com os seus instintos poéticos, costuma escolher para assentar esses modestos monumentos da sua fé e piedade (Dinis, 1999:263).

À semelhança do que acontece nas narrativas breves, também neste romance são alvo de atenção as canções que o povo entoava, caso das cantigas de embalar, cantigas de amor, cantigas de escárnio, quadras populares, como já salientou a investigadora que se dedicou a estudar minuciosamente os elementos do ambiente campesino das obras de Júlio Dinis (Porto, 2010). Ouvem-se estas melodias na boca do padre (“Berta, Berta, meus amores,/ Berta do meu coração,/ És a rainha das flores, Tai lari lari larão”), na de

Maurício (“Além naquela avenida/ De plátanos e salgueiros/ Foi que em teus beijos primeiros/ Bebi a primeira vida”), e saem dos lábios do primo doutor provocadas por despeito (“A mulher é um catavento,/ Que com os ventos varia;/ Seu amor dura um momento,/ Tolo é quem nelas fia.”). A tradição de cozer o pão é também um dos retratos da vida campestre registado pelo olhar atento do escritor portuense.

Neste romance, Júlio Dinis defende a ideia de que é possível conciliar o Portugal velho, caracterizado por uma nobreza apática, depauperada e avessa a mudanças necessárias ao progresso de um país, e um Portugal novo, em que esta classe se alia a uma burguesia empreendedora que permite, nomeadamente aos espaços rurais, progredirem, em consequência da introdução de inovações que transformam as paisagens geográficas e humanas. O melhor exemplo desta mudança está representado em Jorge, filho de D. Luís, que, com a ajuda do experiente agricultor e inquilino Tomé, investe e transforma a propriedade da família, inicialmente abandonada e selvática, numa propriedade produtiva e próspera. Da aliança das classes, da abolição de barreiras ditadas pelas regras sociais rígidas, representada metonimicamente no casamento entre Berta e Jorge, decorrem transformações sociais, políticas e económicas. Estas traduzem-se no progresso do país, em que a propriedade rural se torna uma força motriz produtora de riquezas e bens para as famílias e de um país renovado, através de novas técnicas, do investimento em vias que permitam à produção chegar dos campos às cidades, dois polos da paisagem nacional que também se aliam na senda do progresso. Nalgumas páginas desta obra a paisagem física descrita representa metonimicamente as gentes que a habitam. A transcrição traduz bem o que antes defendemos:

O contraste entre a Herdade e o velho solar era perfeito. Ela graciosa e alvejante, ele severo e sombrio; de um lado todos os sinais de actualidade, de vida, de trabalho, da indústria que tudo aproveita, que não dorme, que não descansa; a economia, a previdência, o futuro; do outro, o passado, a tradição estéril, o silêncio, a incúria, o desperdício, a ruína; a cada pedra que o tempo derrubava do palácio, correspondia uma que se assentava na Herdade para alicerces de novas construções; aqui desmoronava-se um pavilhão, ali levantava-se um celeiro, uma azenha, um lagar; aos velhos carvalhos, às heras vigorosas, aos aveludados musgos, aos líquenes multicores, severas galas, com que se adornava a casa nobre, opunha a Herdade os pomares produtivos, as ondulantes searas, os prados verdes, as vinhas férteis, e, próximo de casa, os canteiros de rosas e balsaminas, onde volteavam incessantes as abelhas das colmeias vizinhas. Nas amplas cavalariças do

palácio, onde outrora relinchavam dúzias de cavalos das mais apuradas raças, ainda batiam com impaciência no lajedo dois velhos exemplares de bom sangue, cujo sacrifício a economia não exigira ainda; nas mais modestas cavaliças do casal, duas éguas robustas, prontas para o serviço, e domáveis por uma criança preparavam-se em fartas manjedouras para frequentes e longas excursões; e ao entardecer abriam-se os currais a numerosas cabeças de gado, cujos mugidos chegavam até ao alto da Casa Mourisca, onde o velho fidalgo muitas vezes os escutava, pensativo e melancólico. (Dinis, 1999:17)

Este contraste que apontamos era a circunstância que evocava no espírito de Jorge o espectro que o entristecia. O dono da Herdade fora pobre, servira como criado na casa dos fidalgos, passara depois a rendeiro de um pequeno casal, mais tarde arrendara uma fazenda maior; chegando enfim a ser proprietário, tornara-se em pouco tempo possuidor de extensos bens, e era já o chefe de uma família numerosa e talvez o primeiro agricultor daquele círculo.

Em síntese, este romance cumpre bem a dimensão didática que Júlio Dinis atribuía à obra literária, constituindo mais uma fonte de conhecimento relativo aos ambientes geográficos e sociais, bem como económicos, que caracterizaram os anos 50 e 60 do século XIX. São, por isso, como afirma Rosa Leite (2010:12), “um documento sociológico valioso sobre o Portugal novo”. A publicação da sua obra em folhetins consubstancia, do ponto de vista de José Tengarrinha (1968:17), “registos de um quotidiano em que se encontram, se confrontam, se cruzam e entrelaçam tradições, costumes, expectativas, valores e utopias individuais e coletivas, informações e conhecimentos”.

4. Conclusão

A obra narrativa dinisiana resulta num equilíbrio entre o Romantismo e o Realismo, daí Júlio Dinis ser considerado pela crítica literária um escritor de charneira entre estes dois movimentos.

As paisagens geográficas e humanas povoam as suas obras e consubstanciam-se como recriações do quotidiano dos anos 50 e 60 do século XIX. As tradições, os costumes, o modo de viver da burguesia, da nobreza e do povo plasmam-se nos seus contos, novelas e romances, pelo que é inegável o seu contributo para o estudo da História, da Cultura e da Etnografia portuguesas daquele período.

A observação minuciosa da geografia das Beiras decerto nutriu a escrita narrativa de Júlio Dinis, fomentando a recriação de mundos possíveis na ficção dinisiana. Os longos períodos de recolhimento vividos na Beira Litoral (Ovar e Aveiro) terão lançado as sementes da produção literária em causa, nomeadamente dos contos, das novelas e crónicas de aldeia, entre elas particularmente *Os Fidalgos da Casa Mourisca*.

A obra ficcional de Júlio Dinis traduz, assim, a síntese perfeita entre o Portugal Velho e o Portugal moderno, plasmando-se através dela a transição que Helena Buescu (1995) entende sustentar o êxito deste escritor, logo a partir do século XIX.

Referências bibliográficas

- BENALCANFOR, R. G. (1874). Júlio Dinis. In Chardon (Ed.), *Phantasias e Escritores Contemporaneos* (pp. 185–191).
- BUESCU, Helena (1995). George Sand e Júlio Dinis: questões de espaço no romance rústico francês e português & Ler Júlio Dinis. In: *A lua, a literatura e o mundo*. Lisboa: Edições Cosmos.
- DINIS, Júlio (1967). *Cartas e Esboços Literários*. Porto: Editora Civilização.
- DINIS, Júlio (1971). *Serões da Província – vol 1*. Porto: Livraria Civilização.
- DINIS, Júlio (1999). *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Porto: Livraria Civilização.
- GRIEBEN, Fernanda A. A. (2018). Ovar no percurso literário dinisiano 1. *Revisitar: A Identidade Cultural Portuguesa*, 4, 1–10.
- LOPES, Ana Maria (2008). Diferenças regionais e os seus reflexos na literatura. In *Portugal: Percursos de Interculturalidade* (Vol. 3, pp. 161–164).
- MONIZ, E. (1942). Romance bucólico e campesino. In *História da Literatura Portuguesa Ilustrada dos séculos XIX e XX*, Livraria Fernando Machado (pp. 262-269).
- PORTO, M. Inês (2010). *Abordagens do Campo na Literatura Portuguesa no Século XIX*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- SANTOS, Bruna & SPIGOLON, Isabela A. (2021). O Espólio do Senhor Cipriano e os Novelos da Tia Filomela: Cultura Popular em Júlio Dinis. *Mafuá*, 23, 1–10.
- TRIGUEIROS, Luiz F. (1993). *Paisagens Portuguesas: uma viagem literária*. Guimarães Ed.

Notas

- ¹ Muitas foram as obras dedicadas por diversos investigadores ao estudo da produção literária de Júlio Dinis e seu contributo para o conhecimento da História e da cultura portuguesas. Carmen da Conceição da Silva Matos Abreu escreveu em 2010 a tese de Doutoramento intitulada *Júlio Dinis: representações romanescas do corpo psicológico e social: influência e interferência da literatura inglesa*. Joaquim Jorge Silva Carvalho dedicou a sua dissertação de Doutoramento em 2010 ao tema *Acção, cenas e personagens na narrativa dinisiana: As pupilas do senhor escritor*. Maria Ivone Pereira de Miranda Fedeli, em 2007, escreveu, no Brasil, a sua tese intitulada *A mão que balança o berço: funções do feminino em Júlio Dinis*. Neste mesmo ano, Maria Adelaide Correia Lapas Ribeiro estudou as *Configurações e funções do narrador na obra romanesca de Júlio Dinis*. No ano seguinte, no Algarve, foi Patrícia Isabel Rodrigues Luís que dissertou numa tese de mestrado sobre *Os romances de Júlio Dinis: uma configuração moderna do bucolismo*. Com o mesmo propósito escreveu, em 2010, Rosa Margarida Pinto Leite a tese *A narrativa breve de Júlio Dinis*, em Aveiro. Fernanda Monteiro Vicente dedicou vários estudos às obras de Júlio Dinis, nomeadamente «As tonalidades líricas dos contos de Júlio Dinis», publicado em *Forma breve* em 2011 e a sua tese de doutoramento no mesmo ano *O locus amoenus na produção narrativa de Júlio Dinis*, que apresentou na cidade de Aveiro.
- ² Cf. Dinis, 1999:18
- ³ Jorge visita Tomé da Póvoa e, assim, cria uma oportunidade única para captar o movimento, a azáfama da vida dos camponeses. O monólogo de Tomé traduz a vida frenética, a atenção aos detalhes e a linguagem do povo campesino. As interjeições, os vocativos, os verbos no modo imperativo traduzem com fidelidade o contacto do escritor portuense com os habitantes e o meio geográfico que recria. Aconselha-se a leitura da passagem em que sobressai a diligência e capacidade de organização dos trabalhos agrícolas de Tomé da Póvoa. (Cf. Dinis, 1999:25).